

## **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, PERCEPÇÃO DE GÊNERO E O ESPAÇO DA MULHER TÉCNICA EM INFORMÁTICA: UMA INVESTIGAÇÃO ENTRE ALUNAS E ALUNOS DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL SENAC DE PORTO VELHO – RO<sup>1</sup>**

ALVES, Hellen Virginia da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A concentração de mulheres e homens em determinados nichos profissionais é um fenômeno que, apesar de antigo, ainda é perceptível. Sabendo que a inserção e a permanência das mulheres em cursos de formação profissional em áreas tradicionalmente exercidas por homens possuem características próprias e exclusivas, buscou-se investigar a percepção das alunas e alunos do curso Técnico em Informática do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC de Porto Velho, Rondônia a respeito das relações de gênero e trabalho. Através da aplicação de questionário semiestruturado composto por quatorze perguntas foi possível criar um perfil socioeconômico das discentes e dos discentes e analisar de que forma os mesmos percebem aspectos relacionados ao gênero e oportunidades de trabalho no meio científico-técnico do curso Técnico em Informática. Os resultados apontam que apesar de não haver grande diferença quantitativa entre mulheres e homens nas turmas, existem preconceitos diversos em relação ao gênero que nem sempre são percebidos pelas mulheres, sendo que as crenças e estigmas relacionados à inaptidão feminina para a atuação profissional como técnica em informática são compactuadas por ambos os sexos e aparecem de forma velada em ambiente pedagógico.

**Palavras-chaves:** Percepção de Gênero; Espaço; Educação Profissional; Território; Tecnologias.

## **EDUCACIÓN PROFESIONAL, PERCEPCIÓN DE GÉNERO Y EL ESPACIO DE LA MUJER TÉCNICA EN INFORMÁTICA: UNA INVESTIGACIÓN ENTRE ALUMNAS Y ALUMNOS DEL SERVICIO NACIONAL DE APRENDIZAJE COMERCIAL SENAC DEL PORTO VELHO – RO**

### **RESUMEN**

La concentración de las mujeres y los hombres en ciertos nichos profesionales es un fenómeno, que, aunque antiguo, sigue siendo notable. Sabiendo que la inclusión y permanencia de las mujeres en los cursos de formación profesional en áreas tradicionalmente realizadas por los hombres posee características propias y exclusivas, se buscó investigar la percepción de las alumnas y alumnos del programa Técnico en Informática del Servicio Nacional de Aprendizaje Comercial - SENAC de Porto Velho, Rondonia respecto a las relaciones de género y trabajo. A través de la aplicación de cuestionario semi-estructurado compuesto por catorce preguntas fue posible crear un perfil socioeconómico de las estudiantes y de los estudiantes, y analizar cómo perciben los aspectos relacionados al género y oportunidades de trabajo en el medio científico técnico de la carrera técnica en Informática. Los resultados muestran que, aunque no hay una gran diferencia cuantitativa entre mujeres y hombres en las clases, existen diversos prejuicios sobre el género que no siempre son percibidos por las mujeres, siendo que las creencias y los estigmas relacionados con la ineptitud femenina para la práctica profesional como técnica en informática son pactadas por ambos sexos y aparecen de forma encubierta en el entorno educativo.

**Palabras clave:** Percepción de género; Espacio; Educación Profesional; Territorio; Tecnologías.

## **PROFESSIONAL EDUCATION, GENDER PERCEPTION AND SPACE OF THE WOMAN TECHNIQUE IN INFORMATICA: AN INVESTIGATION BETWEEN STUDENTS AND STUDENTS OF THE NATIONAL SERVICE LEARNING COMMERCIAL SENAC OF THE PORTO VELHO – RO**

### **ABSTRACT**

<sup>1</sup> Artigo elaborado como resultado parcial de pesquisa realizada em 2014 durante o Programa de Mestrado. O trabalho apresenta dados primários e inéditos.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero/GEPEGÊNERO. Professora do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial/SENAC de Porto Velho/RO. Bolsista CAPES. hellenalves\_pvh@hotmail.com.

The concentration of women and men in certain professional niches is a phenomenon that, although old, is still noticeable. Knowing that the inclusion and permanence of women in vocational training courses in areas traditionally performed by men has own unique characteristics, we sought to investigate the perception of students and students of Computer Technician National Commercial Training Service - SENAC of Porto Velho, Rondônia regarding gender relations and work. By applying semi-structured questionnaire composed of fourteen questions it was possible to create a socioeconomic profile of students and of the students and analyze how they perceive issues related to gender and job opportunities in the scientific and technical means of the Technical Course in Computer Science. The results show that although there is no great quantitative difference between women and men in the classes, there are many prejudices about gender that are not always perceived by women, and the beliefs and stigmas related to disability female for professional practice as technique computers are shared by both sexes and appear covertly in educational environment.

**Key words:** Gender Perception; Space; Professional Education; Territory; Technologies.

## 1. Introdução

O presente artigo apresenta o resultado de pesquisa realizada entre alunas e alunos do curso Técnico em Informática do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, unidade Centro, no município de Porto Velho, Rondônia em que foi investigada a percepção dos mesmos em relação ao preconceito de gênero no espaço pedagógico e nas oportunidades de emprego e estágio.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC desenvolve a formação profissional de mulheres e homens em diversas áreas relacionadas ao comércio, turismo e à prestação de serviços. A presença das mulheres no curso Técnico em Informática e a forma como mulheres e homens percebem as relações de gênero em ambiente pedagógico e as oportunidades de carreira na área de tecnologia constituem objeto de estudo deste artigo.

Foram utilizadas as abordagens qualitativas e quantitativas neste artigo. Buscou-se a relação entre a pesquisa qualitativa e os estudos das relações de gênero percebendo-se que esta se baseia na visão de mundo do sujeito e nas suas significações e interações, como menciona Nascimento Silva & Silva (2014, p. 305):

As relações de gênero, como categoria de análise, podem ser trabalhadas a partir da perspectiva humanística e/ou crítica, e a metodologia qualitativa é privilegiada nesses estudos, pois ela possibilita o estudo de processos sociais fora dos padrões e pouco abordados, dando voz aos grupos sociais marginalizados ou excluídos.

A importância da abordagem qualitativa nesta pesquisa reside no fato de que esta abordagem não favorece julgamentos nem permite que preconceitos e crenças do pesquisador contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997). Também é capaz de apresentar aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

Dentre os procedimentos metodológicos adotados foram utilizados como instrumentos de pesquisa a pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionários estruturados com predominância de perguntas abertas.

Um questionário é estruturado quando tem uma sequência lógica de perguntas que não podem ser modificadas nem conter inserções pelo entrevistador. As perguntas são feitas exatamente como estão escritas no formulário de coleta de dados (SAMARA & BARROS, 1997).

A abordagem quantitativa também se fez presente neste artigo em conjunto com a abordagem qualitativa e apresenta-se em forma de percentuais demonstrados graficamente.

De acordo com Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Para alcançar os objetivos propostos o questionário estruturado utilizado foi composto por quatorze perguntas. Contribuíram com a pesquisa cinco alunas e seis alunos do curso Técnico em Informática do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, unidade Centro, do Município de Porto Velho, estado de Rondônia. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

O instrumental foi aplicado no mês de julho de 2015, nos horários vespertino e noturno. Os dados coletados foram tabulados e originaram gráficos que foram analisados qualitativamente.

Considerando que o século XXI possui como características a globalização e a emergência de uma nova sociedade chamada sociedade do conhecimento que é marcada por transformações sociais, incluindo a dinâmica das relações trabalhistas em função do gênero, surgem polêmicas relacionadas às políticas públicas e às condições do mercado de trabalho e oportunidades de trabalho e emprego para mulheres e homens, cenário em que as instituições de ensino assumem papel fundamental, pois estas são capazes de estimular comportamentos não sexistas através da educação.

O espaço ocupado pelas mulheres em relação à atuação profissional e acesso à cursos Técnicos na área de tecnologia é delimitado pela atuação coadjuvante atribuída pela sociedade. Tal fenômeno é apontado pelos os estudos de Santos (2011) que define o espaço

geográfico como o espaço social responsável por impor a cada indivíduo um conjunto de relações, incluindo as relações de poder. Hirata (2003) corrobora com a ideia ao apontar como um dos principais motivos para a maior qualificação dos homens a menor possibilidade de acesso de mulheres à cursos de conteúdos técnicos, motivo pelo qual existem nichos profissionais masculinizados e feminizados. Leszczynski (1996) afirma que os cursos mais técnicos e com maior status social são cursos onde há menor número de mulheres. Neves (2011) e Daune-Richard (2003) concordam ao afirmar que a sociedade se divide em atividades virtuosas que são geralmente masculinas e atividades menos virtuosas desempenhadas por mulheres, sendo que Daune-Richard (2003) acrescenta que a ascensão profissional feminina é limitada por um “telhado de vidro”.

A análise de dados proposta representa informações importantes para ampliação dos debates sobre possíveis diferenças no perfil de mulheres e homens estudantes do curso Técnico em Informática, além de apresentar a forma como ambos percebem as relações de gênero no espaço pedagógico e as oportunidades de carreira. Espera-se iniciar a discussão sobre as condições e especificidades do acesso e permanência de mulheres na área técnica de informática, bem como sobre as perspectivas de emprego neste nicho profissional a fim de que as mulheres tenham possibilidade de ocupação produtiva neste espaço profissional masculinizado.

## **2. Espaço, território e gênero**

O gênero pode estabelecer diferenças em relação ao espaço ocupado pelo indivíduo na sociedade. Santos (2011, p. 120) afirma que “... o espaço geográfico é também o espaço social”, sendo este responsável por impor a cada indivíduo um conjunto de relações, pois “... o espaço impõe a cada coisa um conjunto de relações porque cada coisa ocupa um certo lugar no espaço” (ibidem, p. 137). Fica evidenciada a relação de poder estabelecida de acordo com os limites de ocupação do espaço.

O espaço também exerce influência sobre as relações produtivas e as forças produtivas da sociedade, pois “[...] intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e das energias, redes de repartição dos produtos. [...]” segundo Spósito apud Lefèbvre (2004, p. 93).

O gênero não é fruto da natureza, é uma construção social e histórica que atribui papéis a mulheres e homens com base em critérios como as diferenças entre os sexos biológicos, culminando no estabelecimento de dois gêneros; o feminino e o masculino.

A relação de dependência entre ciência e técnica que denota uma nova configuração aos territórios e ao próprio espaço, aproximando fronteiras e tornando-os cada vez maiores, marca um momento histórico de reconstrução do espaço a partir da ciência e da técnica (SANTOS, 2011).

Ao compreendermos o território como o lugar com o qual nos identificamos e no qual exercemos as diversas atividades da nossa vida podemos estabelecer relação de causa e efeito entre diversas mudanças ocorridas na Amazônia e a forma como estas modificam o território, seja em seu aspecto físico ou social.

O território é o espaço político por excelência, o campo de ação e do poder, que se materializa através da atuação do capital nos diversos espaços que se tornará posteriormente em território. Isto porque o espaço e o território não são termos equivalentes. O território se apoia no espaço, mas não é o espaço, todas as relações se estabelecem dentro de um campo de poder (CORREIA, 2008, p. 82).

Raffestin (1993), afirma que espaço e território são termos distintos, ressaltando que o espaço é constituído antes de se estabelecer o território. As ações desenvolvidas por determinada sociedade estabelecem as relações sociais, culturais, econômicas, políticas e de poder. Saquet (2007) comenta que as relações de poder são um comportamento indispensável à efetivação de um território.

De acordo com Santos *et al* (2006, p. 14) o “território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

Nesta perspectiva fica evidente a relação estreita entre território, trabalho e exercício da vida e conhecer e compreender algumas das variáveis que podem interferir na dinâmica do território é fundamental. Uma das consequências do capitalismo que possui relação direta com as novas configurações territoriais é a divisão do trabalho, essa divisão corresponde “(...) ao processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente” (SANTOS, 2004, p. 86).

A divisão do trabalho não ocorre de forma harmoniosa, ao contrário, é marcada por conflitos dentre os quais destaca-se a disputa entre o Estado e o Mercado onde estes dois atores irão defender seus interesses próprios, que muitas vezes são antagônicos.

A “ditadura do dinheiro” proporciona a entrada de empresas globais de forma intensa em diversas nações. Tais empresas possuem interesses próprios que muitas vezes são distintos e conflitantes com os interesses da população local, aspecto que se apresenta como um fator de desorganização do território (SANTOS ET AL, 2006)

As empresas exercem pressão sob o Estado em busca de assegurar seus interesses (como incentivos fiscais, redução da carga tributária, flexibilização das leis trabalhistas), por outro lado o Estado também exerce pressão sobre as empresas e em determinadas situações pode influenciar diretamente em aspectos relacionados ao território, por exemplo, ao oferecer incentivos fiscais ou isenção tributária por prazo determinado, um determinado Estado ou município pode atrair empresas, o contrário pode ocorrer ao elevar a carga tributária. As supostas empresas que viessem a se instalar neste local empregariam pessoas e contribuiriam para o aquecimento da economia local, portanto essa relação estabelecida entre os interesses do Estado e os interesses do Mercado é decisiva para a configuração dos territórios e também para a configuração territorial do trabalho (SANTOS, 2006).

A sociedade também vivencia os conflitos deste processo, pois a configuração territorial do trabalho também é marcada por conflitos e disputas, como a disputa entre homens e mulheres por condições igualitárias de participação no mercado de trabalho. Sendo assim, analisar as relações de gênero e as oportunidades no mercado de trabalho é antes de tudo analisar as relações sociais impostas pelo espaço, território e região que emanam relações de poder entre homens e mulheres, atribuindo limites para a atuação social de acordo com o gênero.

Para Silva (2007, p. 121):

... gênero é concebido como um conceito e simultaneamente uma representação e, como tal, uma construção social permanentemente renovada, diferenciada espacial e temporalmente. Portanto, inicialmente, são discutidas as três categorias fundantes que constituem as representações de gênero: sexo, gênero e desejo.

O espaço de homens e mulheres na sociedade está relacionado à distribuição dos mesmos de acordo com posição ocupada, esta relaciona-se diretamente com o capital social e o capital cultural (SPOSITO, 2004). Neste contexto “(...) o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomada de posições” e “(...) a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* – princípio gerador de práticas distintas e distintivas – (...) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente... (BOURDIEU, 2004, p. 96)”.

Nesta perspectiva, as relações entre mulheres e homens e o espaço ocupado por ambos são desiguais porque centram-se no poder, e este não é compartilhado entre gêneros.

Dito outra forma, nas relações entre homens e mulheres sempre existirão desigualdades. Para muitos, justifica-se na vontade de dissipar uma imagem de inferioridade das mulheres, dissipando juntamente, tudo aquilo que constitui a identidade e a subjetividade femininas (CARNEIRO & SOUZA, 2014, p. 126).

O contexto social em que os agentes (Estado, empresas, mulheres e homens) estão inseridos possui relação direta com as relações, inclusive de trabalho e poder, que são

estabelecidas, estas por sua vez exercem influência sobre a configuração dos territórios, incluindo a configuração territorial do trabalho.

### 3 Gênero e mercado de trabalho

A origem da divisão sexual do trabalho demonstra que a inserção da mulher no mercado de trabalho não foi fruto da redução das desigualdades entre os gêneros nem da conquista de direitos e sim de um novo sistema econômico que exigiu a participação feminina, não como uma forma de legitimar direitos e sim como mão-de-obra substituta aos operários perdidos em função da I e II Guerra Mundial (PROBST, 2003). Desta forma, o Capitalismo não deve ser concebido como um meio de igualdade entre os gêneros e sim como propagador da ideologia de diferenciação e exploração da mão-de-obra feminina intensificada pelos ideais positivistas, pois a força de trabalho feminina além de mais barata, possuía características socialmente construídas que eram desejadas por esse modelo. É o que afirma Nunes (2011, p. 70):

A capacidade técnica e as características do *self* valorizadas nessas ocupações praticamente coincidem com os atributos da feminilidade (*womanhood*) construída e mantida nas relações sociais de gênero tradicionais: docilidade, submissão, fidelidade e maior tolerância em relação a trabalhos monótonos e repetitivos.

O mercado de trabalho assume as configurações patriarcais onde a mulher precisa reproduzir no trabalho características consideradas importantes na vida doméstica reduzindo seu espaço de atuação. Passa-se à atribuir às mulheres um rol de profissões onde seria possível empregar os atributos femininos em detrimento à várias atividades, geralmente com maior prestígio e poder de decisão, que não poderiam ser exercidas por elas, uma vez que precisavam de atributos próprios aos homens como racionalidade, agressividade e competitividade.

Atribui-se caráter secundário à mão-de-obra feminina e as atividades por elas exercidas no mercado de trabalho costumam ser uma extensão dos seus afazeres domésticos. As atividades remuneradas realizadas por mulheres em espaços públicos concentram-se nas atividades informais, temporárias e precárias marcadas pela baixa remuneração (NASCIMENTO SILVA & SILVA, 2011).

A concepção da mulher como ajudadora da figura masculina desconsidera as competências, os conhecimentos empíricos e científicos femininos e representa um afunilamento das oportunidades de atuação e de carreira profissional. Quando esta opta em ampliar sua atuação aos espaços públicos, encontra dificuldades de inserção e mobilidade

no mercado de trabalho, uma vez que este espaço ainda preserva as características patriarcais reforçadas pela ótima predominantemente masculina do capitalismo. Um dos obstáculos encontrados pelas mulheres no mercado de trabalho diz respeito ao acesso e conclusão de cursos de qualificação profissional e tecnológica.

### **3.1. Gênero, formação profissional e tecnologia.**

Apesar dos marcos legais, ainda existem grandes disparidades entre mulheres e homens no que se refere à inserção no mercado de trabalho e formação profissional. Segundo Hirata (2003, p. 147):

Do ponto de vista do emprego, as dificuldades para inserção e para a formação profissional têm apontado, tanto nas pesquisas brasileira quanto nas pesquisas na França para a questão de gênero. Dados sobre os menos empregáveis na produção hoje, tem apontado, de maneira bastante convergente, para as mulheres. Isto é, as populações com dificuldade de inserção ou com dificuldade de receber uma formação profissional adequada são os adultos, mulheres idosas de baixa escolaridade, ou mulheres jovens, ou mulheres não qualificadas. Quando se trata de mulheres não qualificadas – jovens ou idosas – elas acumulam dificuldades.

As diferenças de qualificação técnica em relação ao gênero também possuem relação com a valorização que a sociedade atribui ao curso e com a quantidade de competências técnicas necessárias para a conclusão do mesmo. Os motivos que podem justificar tais diferenças em relação ao gênero estão relacionados às menores possibilidades de acesso feminino à cursos de conteúdos técnicos (HIRATA, 2003). Outra relevância é o fato de que os cursos técnicos com maior status social, financeiro e monetário são cursos em que há menor número de mulheres (LESZCZYNSKI, 1996).

O acesso à cursos técnicos que exigem um domínio considerável das tecnologias e engenharias, ainda é um fator de exclusão. Enquanto a atividade feminina se distancia de algumas áreas, se concentra em determinados setores como serviços pessoais, saúde e educação e havendo uma bipolarização “[...] num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina [...], e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social”, como afirma Hirata (2003, p. 148).

Em consequência da masculinização e/ou feminização de algumas profissões criam-se nichos profissionais onde um dos fatores de inserção/exclusão é o gênero, sendo este um fenômeno com abrangência global. Mesmo entre as mulheres as diferenças entre os níveis de escolarização levam a bipolarização do emprego feminino e manutenção da ideia de que

é impossível romper com as barreiras impostas pelo sexo. Tal situação é citada por Melo e Sabbato (2011, p. 56-57) ao retratarem o seguinte contexto:

... umas com diplomas universitários ocupando cargos executivos, mas ainda poucas em proporção ao avanço escolar. No outro lado, milhões de mulheres como divisão sexual do trabalho e pobreza trabalhadoras domésticas, balconistas, professoras de ensino infantil, fundamental e médio, assistentes do setor de saúde e nos baixos escalões da administração pública. Esta bipolaridade acentua as desigualdades entre as mulheres, e consolida a visão de que não é possível superar as assimetrias de sexo na sociedade.

O imaginário de impossibilidade de superação das diferenças impostas pelo sexo pode ser reforçado desde a educação recebida no seio familiar perpassando por todos os momentos de educação formal ou informal, onde mulheres e homens recebem orientações diferentes em relação à conduta desejável na sociedade. Para Saffioti (2004, p. 35):

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem.

Historicamente mulheres não costumam ser educadas para tomar decisões, para planejar os rumos da sua vida pessoal e profissional, a sociedade apresenta a ideia da mulher como um ser dócil que deve concordar com as decisões tomadas por terceiros; primeiro pelo pai, depois pelo marido e talvez pelo chefe (caso estes concordem com a ideia da mulher ter uma carreira própria). Questionar as autoridades masculinas significar ir contra a imagem de mulher socialmente idealizada.

Como resultado da cultura social do desejável a cada gênero há baixa mobilidade profissional das mulheres nos espaços que são ocupados simultaneamente pelos dois gêneros. Ocorre a segmentação do mercado de trabalho em polos, segundo Neves (2011, p. 158) “Constata-se a convivência de um polo precário tradicional ocupado por mulheres e um polo virtuoso ocupado por homens”. Existe uma barreira invisível que impede as mulheres de ascenderem profissionalmente na mesma proporção da ascensão masculina, segundo Daune-Richard (2003, p. 73) “(...) a mobilidade feminina seria limitada pelo ‘telhado de vidro’ de uma representação masculina de autoridade e poder e essa hipótese baseia-se na constatação que a divisão social dos espaços do masculino e do feminino é assimétrica e hierarquizada”. Além do fenômeno do “telhado de vidro” existe ainda a barreira causada pela necessidade de conhecimento e domínio técnico científico para as vivências sociais e profissionais, tal barreira exclui a parcela da população que não possui tais habilidades e conhecimentos. Na sociedade da informação existe uma relação de dependência entre ciência e técnica, este fenômeno está presente em nosso cotidiano social e não é fato regional e sim global. Para Santos (2011, p. 63) existe:

... interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social, situação que se verifica em todas as partes do mundo e em todos os países. O próprio espaço geográfico pode ser chamado de *meio técnico-científico*... Essa realidade agora se estende a todo o Terceiro Mundo, ainda que em diferente proporção, segundo os países. Na América Latina, não há país em que essas transformações não se deem, entronizando a ciência e a tecnologia como nexos essenciais ao trabalho e à vida social, ao menos para os respectivos setores hegemônicos, mas com repercussão sobre toda a sociedade.

Ao mesmo tempo em que as mulheres construíram novos conhecimentos profissionais e passaram a ocupar espaços antes ocupados apenas pelos homens, as obrigações domésticas e do cuidado continuaram rotuladas como tarefas de responsabilidade predominantemente femininas.

Para Melo e Sabbato (2011, p. 53-54):

A mulher “emergente” mantém uma interdependência entre vida familiar e vida do trabalho, que se fundem numa mesma dinâmica para o sexo feminino. Esta evidência remete à denúncia, ... , da invisibilidade do trabalho feminino e das desigualdades que qualificam sua inserção produtiva (rendimentos inferiores, direitos previdenciários negados, obstáculos aos planos de ascensão a cargos e chefia). O invisível é desvendado no plano simbólico, quando se caracterizam os afazeres domésticos como trabalho complementar, acessório, de ajuda.

Nesta perspectiva, o trabalho feminino muitas vezes é invisibilizado ou inferiorizado no que diz respeito aos rendimentos e possibilidade de ascensão profissional. A sociedade não percebe os dos afazeres domésticos como ocupação principal e sim como um trabalho complementar ou uma atribuição do sexo feminino.

O reflexo de tal concepção no mundo privado foi a segregação sexuada no mercado de trabalho. A imagem construída pela sociedade a respeito das habilidades dos homens e das mulheres e de que forma tais habilidades poderiam ser utilizadas na vida profissional pode contribuir para que a formação técnica das mulheres seja de fato deficitária e perpetue a ideia de que os homens são mais competentes para áreas que envolvam habilidades técnicas específicas (FERRETI *et al* , 1999).

Portanto, verifica-se que o meio técnico-científico apesar de crescente e dinâmico ainda é um território a ser conquistado pela maioria das mulheres. A formação técnica profissional precisa abordar e discutir as temáticas relacionadas ao gênero para que seja possível à sociedade perceber as desigualdades que permeiam este espaço e cobrar do Estado políticas públicas que sejam capazes de reduzir tais desigualdades e de proporcionar as mulheres liberdade de atuação, oportunidades e condições de trabalhado igualitárias em relação aos homens. Na perspectiva da transformação da noção de tempo e espaço e da reconstrução de espaços tradicionais que cedem lugar à novos espaços ocupados pelas mulheres, emerge a necessidade de empoderamento de novos conhecimentos e tecnologias para uma inserção/atuação profissional das mulheres com qualidade e dignidade.

#### **4 Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC de Porto Velho**

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC de Rondônia, foi instalado no estado em 27 de maio de 1976, na forma de Delegacia Executiva, conquistando autonomia em 1º de janeiro de 1993, quando passou a denominar-se Administração Regional (AR).

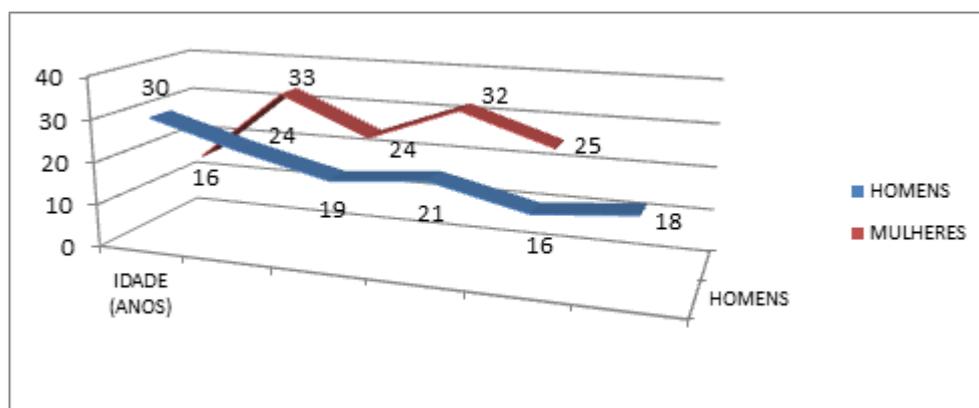
Em Porto Velho possui unidades distribuídas por zonas setoriais, sendo na Zona Norte localizada a Sede Administrativa e o SENAC-Esplanada, além dos Centros de Educação Profissional denominados Senac Centro (Zona Centro), Senac Jatuarana (Zona Sul) e Senac Zona Leste (Zona Leste). A instituição desenvolve atividade de educação profissional nos Eixos Tecnológicos de: Saúde, Ambiente e Segurança, Informação e Comunicação, Produção Cultural e Design, Hospitalidade e Lazer, Gestão e Negócios, conta também com Cursos de programações presenciais e a distância. Compõem a programação anual de cursos turmas pagantes e turmas que pertencem à ações como o Programa SENAC de Gratuidade (PSG) e Programa de Acesso do Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) do Governo Federal, criado a partir Lei nº 12.513 de 26/10/2011.

Neste contexto, o SENAC atua diretamente com programas de formação e inclusão socioprofissionais, atendendo à parcela da sociedade de menor poder aquisitivo, além de cidadãos que buscam inserção ou novo ingresso no mercado de trabalho.

Dentre a população atendida pelos programas desenvolvidos pelo SENAC encontram-se mulheres e homens com diferentes perfis, sendo jovens e com pouca escolaridade, idosos, desempregados que buscam nova oportunidade de trabalho e cidadãos que constituem a população economicamente ativa do país.

#### **5 Perfil socioeconômico das alunas e alunos**

Em relação ao perfil socioeconômico, alguns pontos fundamentais foram investigados, constatando-se que a faixa etária predominante para mulheres e homens é de jovens, sendo a menor faixa etária encontrada, tanto para mulheres quanto para homens, de 16 anos e a maior faixa etária encontrada foi entre as mulheres, que foi de 33 anos, conforme dados apresentados:



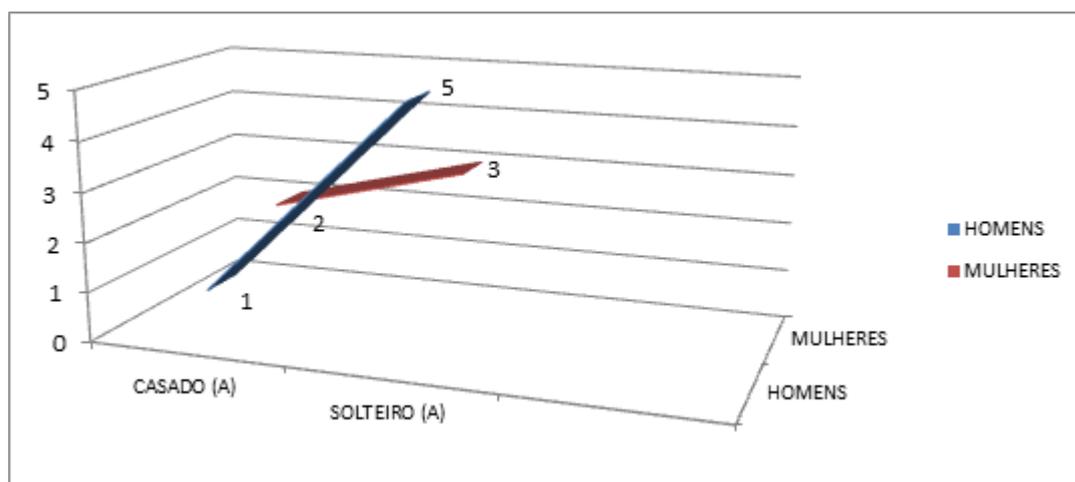
**GRÁFICO 1:** Faixa etária dos alunos e alunas. Fonte: Autora.

Os dados demonstram que as mulheres realizam uma busca tardia pela profissionalização na área técnica em informática, diferente dos homens que iniciam esta trajetória mais cedo. Este fenômeno relaciona-se a variáveis como as barreiras técnicas, sociais e de gênero existentes em determinados nichos profissionais que excluem a figura feminina. Este fato é frequente em profissões que possuem como característica a objetividade e precisão, o emprego de cálculos ou de procedimentos técnicos regidos por normas e que precisam de atitudes fundamentalmente racionais sem muito espaço para a subjetividade. Fato semelhante ocorreu com as ciências já que por muito tempo o método científico desvalorizou características tidas como femininas como a “subjetividade, cooperação, sentimento e empatia” (SCHIEBINGER, 2001).

Outra possibilidade para a profissionalização tardia é o acúmulo de funções do cotidiano feminino, pois exclusivamente à mulher atribuem-se atividades relacionadas ao cuidar da família e os afazeres domésticos que geralmente são acumulados com as atividades profissionais, havendo a sobrecarga de tarefas diárias. Segundo Nascimento Silva e Silva (2014, p. 65) “(...) o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho formal não foi acompanhado por uma diminuição em suas tarefas dentro da família.” Os afazeres domésticos não costumam ser compreendidos como tarefas, mas como atribuição do gênero feminino que deve ser acumulado às demais atividades do cotidiano como carreira profissional e estudo.

Ao mesmo tempo em que as mulheres construíram novos conhecimentos profissionais e passaram a ocupar espaços antes ocupados apenas pelos homens, as obrigações domésticas e do cuidado continuaram rotuladas como tarefas de responsabilidade exclusivamente femininas. Nesta rotina sobrecarregada de tarefas não resta muito tempo para o estudo.

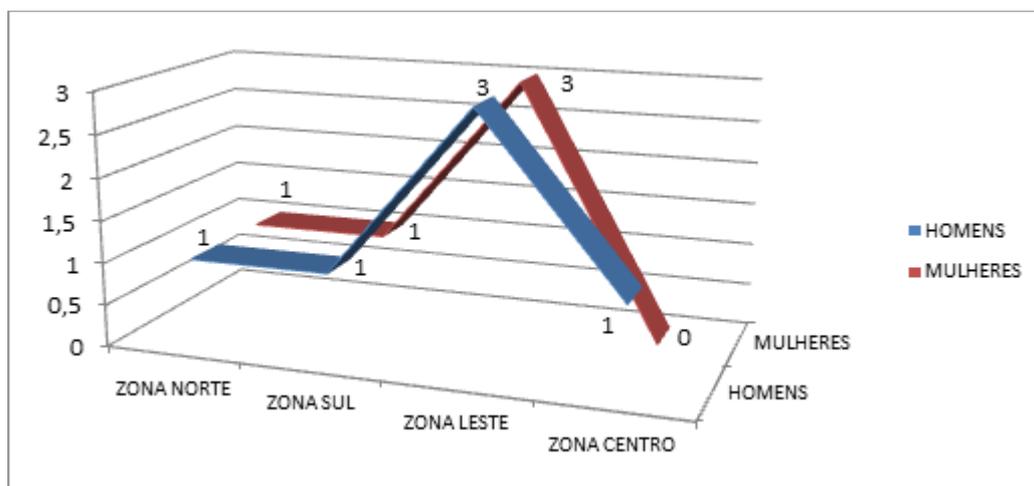
Em relação ao estado civil, houve predominância de mulheres e homens solteiros, como pode ser constatado no Gráfico 2:



**GRÁFICO 2:** Estado civil dos alunos e alunas. Fonte: Autora.

Os dados coletados reforçam a teoria de que o acúmulo de tarefas no cotidiano feminino constitui fator responsável pela busca tardia da qualificação profissional, pois dentre as participantes da pesquisa duas declararam-se casadas. Já em relação aos homens, apenas um dos participantes declarou-se casado. Considerando que a faixa etária é maior entre as mulheres, constata-se que os homens buscam a qualificação técnica ainda jovens e antes de constituir família, diferente das mulheres que acabam agregando às atividades domésticas e aos cuidados da família a busca pela qualificação profissional.

Em relação à localização do domicílio das alunas e alunos, houve a predominância de pessoas que residem na Zona Leste da cidade, havendo a percepção de que os alunos deste curso estão distribuídos em todas as zonas do município, como observado no Gráfico 3.



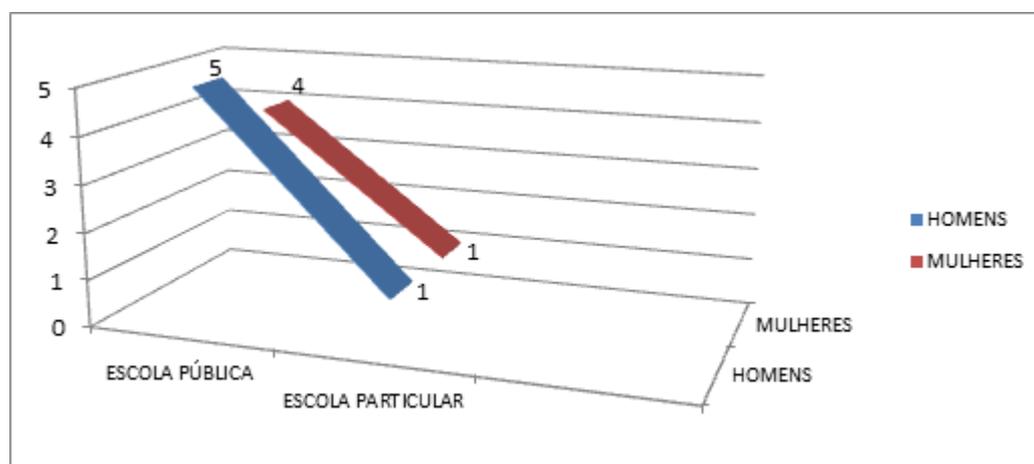
**GRÁFICO 3:** Zona em que reside. Fonte: Autora.

Metade dos homens e mais da metade das mulheres que contribuíram com a pesquisa afirmaram residir na Zona Leste. A Zona Leste de Porto Velho é uma região estigmatizada por aspectos como a violência e ausência de urbanização. É uma região onde existem inúmeras ocupações irregulares e os moradores desta área costumam ser rotulados por grande parte da sociedade. Um dos motivos para o estigma que os moradores da Zona Leste

carregam, segundo Mestre e Leite (2014) é a grande cobertura que a mídia local, através dos programas policiais, dá aos crimes cometidos nesta região, causando na consciência coletiva a percepção de que a zona leste da cidade conta com o maior índice de criminalidade.

No caso específico das mulheres, é possível afirmar que as pesquisadas que residem na Zona Leste constituem o que Nascimento Silva e Silva (2014) denominam de interseccionalidade, pois vivenciam várias facetas identitárias, neste caso podemos citar o gênero, a busca pela qualificação profissional tardia e o fato de residir em uma região marginalizada pela sociedade.

A maioria das alunas e alunos pesquisados são originários da escola pública, sendo a quantidade de alunos egressos de escolas particulares iguais para homens e mulheres, como apresentado no Gráfico 4.



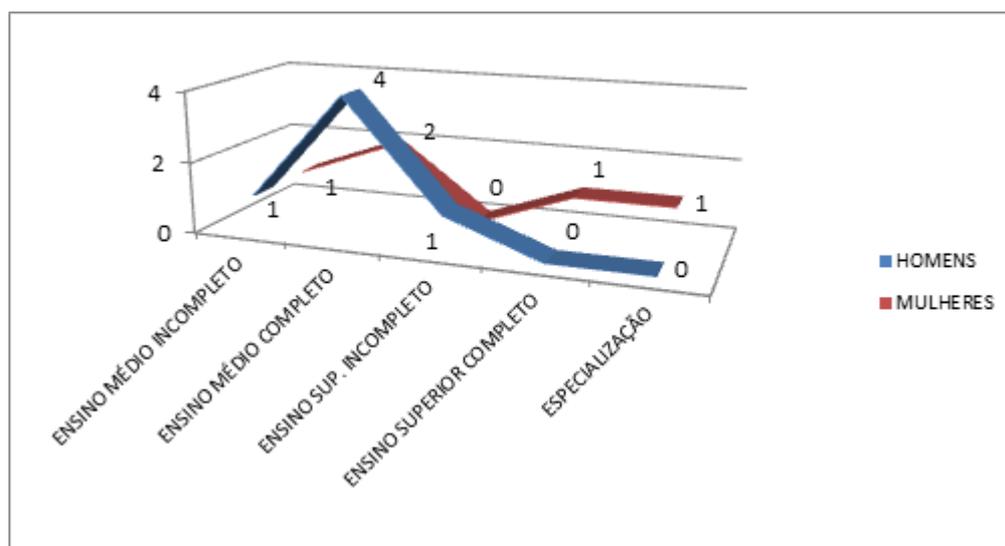
**GRÁFICO 4:** Estudou em escola Pública ou Privada. Fonte: Autora.

Apenas uma mulher e um homem afirmaram serem egressos de escolas particulares. Considerando que a turma pesquisada foi ofertada através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) constata-se que o programa em questão consegue alcançar seu público alvo.

O PRONATEC foi criado em abril de 2011 na gestão de Fernando Haddad então Ministro da Educação e da presidente Dilma Roussef, possui como principal objetivo “ (...) expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos técnicos e profissionais de nível médio, de cursos de formação inicial e continuada para trabalhadores e intensificar o programa de expansão de escolas técnicas em todo o país” (BRASIL/MEC/PRONATEC, 2011). O programa conta ainda com a criação e concessão de bolsas para os estudantes e com Financiamento Estudantil (FIES) Técnico, para os alunos de curso técnico em redes particulares de ensino. Integra as políticas públicas desenvolvidas pelo Ministério da Educação em articulação com o Ministério do Trabalho e Emprego através de parcerias com instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. Possui como

finalidade proporcionar a formação profissional a pessoas de baixa renda para que os mesmos possam conquistar um lugar no mercado de trabalho e ainda oferecer qualificação profissional à pessoas em situação de desemprego para que as mesmas possam retomar ou iniciar novas atividades profissionais é possível constatar que o perfil quanto à origem da escolarização está em acordo com o público alvo visado pelo programa em questão.

As mulheres apresentaram um maior nível de escolaridade e o menor nível foi encontrado em igual proporção entre mulheres e homens.



**GRÁFICO 5:** Nível de escolaridade. Fonte: Autora.

Apesar das mulheres terem um nível de escolaridade mais elevado elas ainda estão em busca da profissionalização para posteriormente pleitear uma vaga no mercado de trabalho. Para as que já exercem alguma atividade remunerada, a qualificação profissional significa a possibilidade de melhoria salarial ou o início de uma nova carreira.

A busca pela qualificação profissional associada à um bom nível de escolaridade remete às palavras de Carvalho ( p. 5) ao afirmar que:

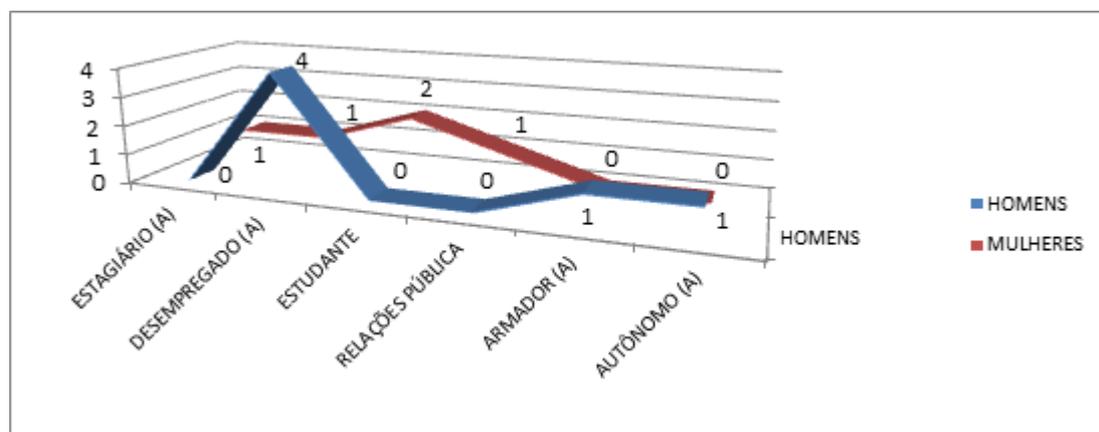
(...) a medida que as mulheres alcançam maior escolaridade, aumenta também a percepção de sua condição de subalterna ao espaço doméstico e a percepção de que é com a inserção no trabalho remunerado que conseguirão obter maior independência e melhora da auto-estima, ficando clara a demonstração de resistência dessas mulheres.

Portanto, a percepção da sua condição de coadjuvante tanto no espaço doméstico quanto no espaço público é consequência da construção de novos conhecimentos proporcionados pela escolarização e dessa forma ao buscar uma formação técnica a mulher assume uma posição de enfrentamento à tal condição.

Outro fator relevante foi a mudança ocorrida nos últimos quarenta anos no perfil das mulheres que entram no mercado de trabalho, antes eram jovens e sem filhos, hoje são

adultas, casadas e com filhos. Esse fenômeno está relacionado à diversos fatores, dentre eles a necessidade de complementar a renda familiar, a escolaridade elevada das mulheres e o menor número de filhos (NASCIMENTO SILVA & SILVA, 2014).

Em relação ao tipo de ocupação dos entrevistados, foi constatado que a maioria não possui uma ocupação remunerada, sendo que entre as mulheres este índice é menor. O tipo de ocupação das alunas e alunos pode ser visualizado no Gráfico 6:



**GRÁFICO 6:** Tipo de ocupação dos alunos e alunas. Fonte: Autora.

O nível de desemprego foi constatado entre quatro dos seis homens que colaboraram com a pesquisa. Já entre as mulheres apenas uma declarou estar desempregada, porém estes dados não significam que as demais mulheres se encontram empregadas, significa que as demais mulheres buscam a inserção no mercado de trabalho, ou seja, elas ainda não pertencem a este universo. Dentre as mulheres pesquisadas, duas declararam-se estudantes e uma afirmou ser estagiária. Apenas uma dentre as cinco mulheres que participaram da pesquisa declarou exercer a atividade de relações públicas. Tais dados apontam para a condição de subemprego ou atividades informais que costumam caracterizar a área de atuação feminina, confirmando os estudos de Neves (2011).

Ao serem indagados sobre o nível de escolaridade das mães e pais tornou-se possível verificar a predominância da baixa escolaridade, havendo a mesma incidência de mães e pais com nível fundamental incompleto. Porém, o menor nível de escolaridade foi encontrado entre os pais, como pode ser visualizado no Gráfico 7:

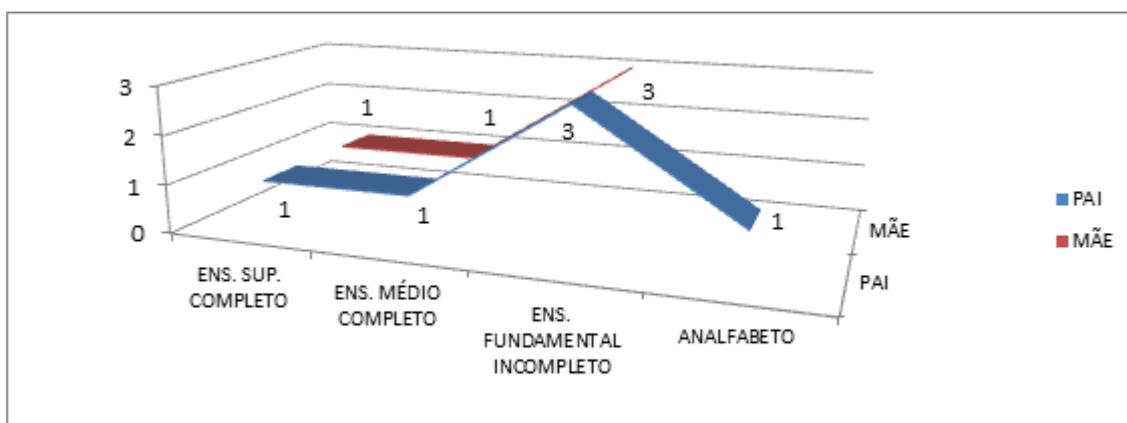


GRÁFICO 7: Nível de escolaridade dos pais. Fonte: Autora.

É perceptível que o fenômeno da baixa escolaridade, neste caso, não é exclusivo das mulheres e pode ser compreendido como uma característica comum à ambos os sexos. Tal característica pode estar relacionada ao contexto social da família e não com o gênero.

A fim de conhecer um pouco melhor o contexto social dos pesquisados, buscou-se descobrir o tipo de ocupação das mães e dos pais. Entre os homens obteve-se como resposta a predominância de pais que exercem atividade remuneradas em comparação à mães que não exercem atividade remunerada, denominadas “do lar”. Entre as mulheres, os pais encontram-se em situação semelhante aos dados masculinos, porém, as mães exercem em sua maioria algum tipo de atividade remunerada, como é possível observar no Gráfico 8:

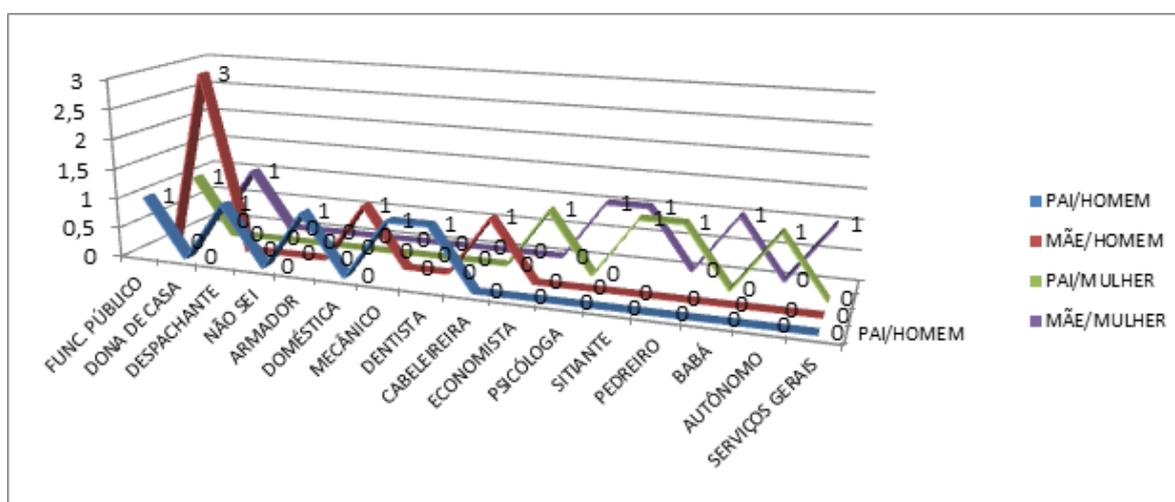


GRÁFICO 8: Ocupação dos pais e mães. Fonte: Autora.

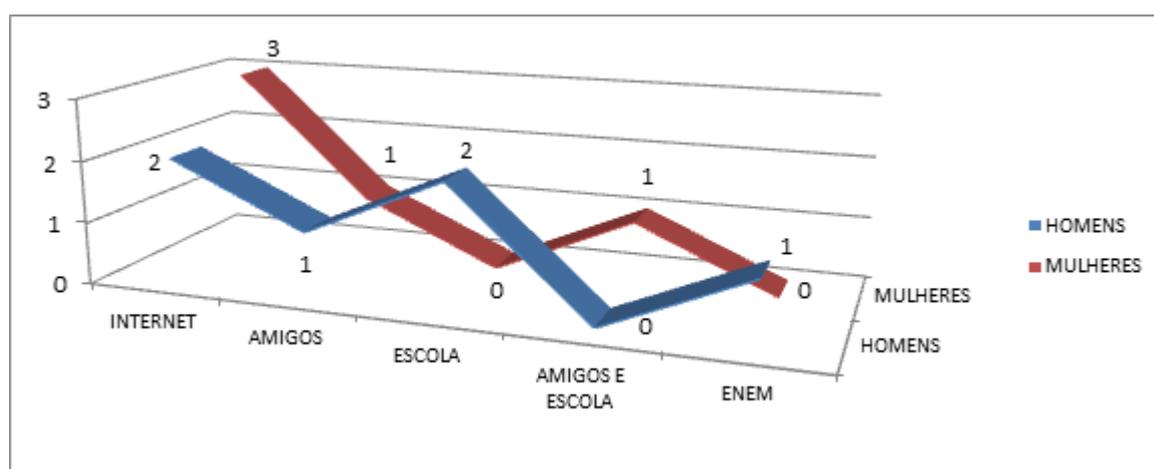
O fato das mães das mulheres que colaboraram com a pesquisa exercerem atividade remunerada pode ser um fator motivacional para que as alunas tenham buscado (ainda que tardiamente) a formação profissional.

Ao investigar se as famílias dos pesquisados eram beneficiárias do Programa Bolsa Família, foi possível constatar que no caso das mulheres, 100% das famílias não recebiam tal auxílio, sendo que entre os homens 33,33% afirmou que a família é beneficiada pelo programa de transferência de renda. Tal dado revela que o Programa Bolsa Família, ao

contrário do que alguns pensam, não é um fator de acomodação, pois se assim fosse pessoas que são beneficiadas pelo mesmo não teriam a intenção de se profissionalizarem nem tampouco a intenção de exercer uma atividade remunerada e trilhar uma carreira profissional, pois ao conquistar a autonomia financeira a família deixa de fazer parte do perfil de beneficiários.

## 6. Gênero e o meio científico-técnico

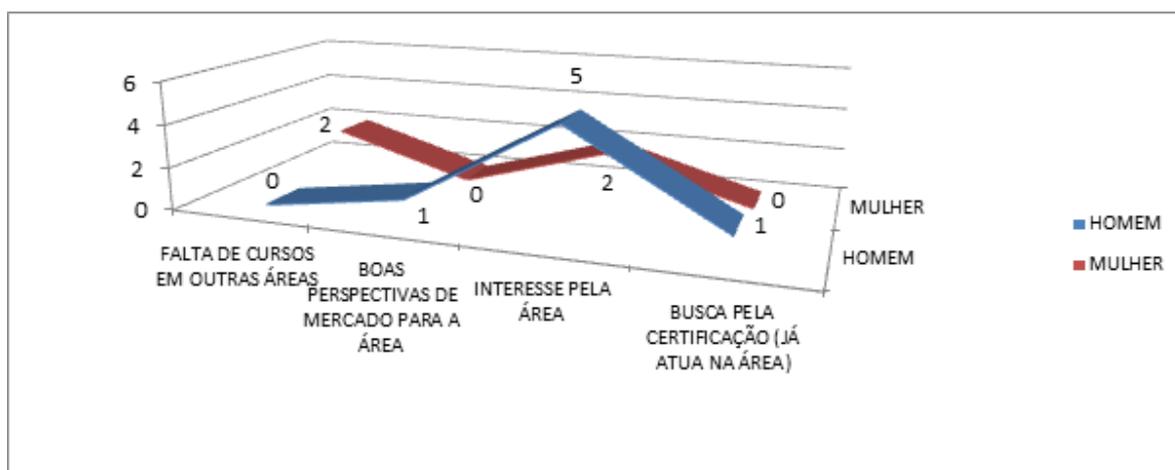
Em relação ao meio científico-técnico e as percepções relacionadas aos gêneros, a pesquisa buscou investigar alguns determinados aspectos, como a forma como os pesquisados tomaram conhecimento sobre a oferta do curso. Os dados coletados demonstram que as mulheres buscam este tipo de informação de forma predominante na internet, enquanto os homens informam-se com amigos e na escola, além da internet, como pode ser visualizado no Gráfico 9:



**GRÁFICO 9:** Como ficou sabendo do curso? Fonte: Autora.

Os dados demonstram que as mulheres possuem mais intimidade com recursos como a internet. Também pode-se questionar a respeito da facilidade de acesso, pois talvez as mulheres que participaram da pesquisa possuam mais recursos (incluindo tempo) para navegar na internet que os homens.

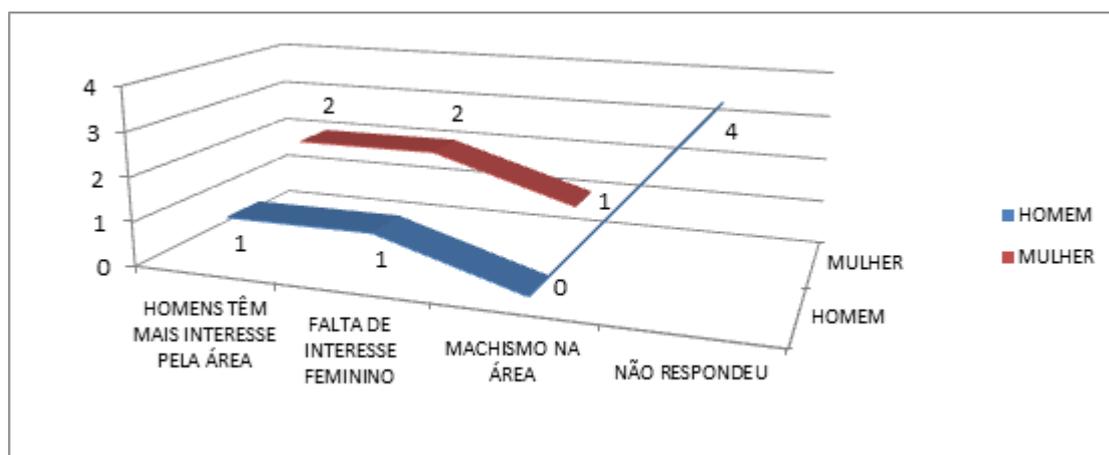
Em relação aos motivos que levaram homens e mulheres a escolherem o curso Técnico em Informática, a pesquisa revelou diferenças significativas. Parte das mulheres pesquisadas alegou indisponibilidades de outras opções contra a mesma quantidade que afirmou interesse pela área, enquanto todos os homens demonstraram interesse ou atuação profissional na área, como pode ser visualizado no Gráfico 10:



**GRÁFICO 10:** Motivos da escolha pelo curso Técnico em Informática. Fonte: Autora.

A pesquisa revela um dado preocupante: todos os homens pesquisados afirmam ter interesse ou atuar profissionalmente na área de informática, enquanto apenas duas mulheres fizeram tal declaração. Constata-se que as mulheres procuram a qualificação profissional independente da afinidade e que alguns casos as boas perspectivas de trabalho na área falam mais alto do que a afinidade ou interesse, enquanto os homens buscam a qualificação em áreas que têm algum interesse. Das cinco mulheres que participaram da pesquisa, duas afirmaram ter iniciado o curso Técnico em Informática devido à falta de cursos disponíveis na modalidade PRONATEC em outras áreas. Tal fenômeno traz incertezas quanto ao ingresso e permanência na área de formação profissional uma vez que o capitalismo costuma exigir das mulheres além de domínio técnico, a capacidade de empreender tripla ou quádrupla jornada além de oferecer uma baixa remuneração (se comparada à remuneração masculina), além da tendência da sociedade conservadora em atribuir culpa às mulheres pelo fracasso da família tradicional/patriarcal (NASCIMENTO SILVA & SILVA, 2014).

Investigou-se se existe alguma predominância de gênero entre os docentes do curso e cem por cento (100%) das alunas e alunos afirmaram haver a predominância do gênero masculino. Diante de tal resposta, buscou-se a opinião dos mesmos sobre os motivos que justificariam tal predominância. Um fato que merece destaque é crença entre os pesquisados (incluindo homens, porém de forma predominante em mulheres) de que homens são mais interessados pela área de tecnologia. Mais da metade dos homens não respondeu à pergunta, como é possível visualizar no Gráfico 11:



**GRÁFICO 11:** Motivos da predominância do gênero masculino entre os docentes do curso. Fonte: Autora.

A crença de que a mulher não possui interesse pela área de informática possui relação com sua omissão na história da computação e está enraizada tanto em homens quanto em mulheres, pois como afirma Ligth (199, p. 455) “A omissão da mulher na história da computação perpetua o mal entendimento da mulher como desinteressadas ou incapazes nesta área”.

O fato de quatro alunos terem optado em não responder a tal questionamento pode ser compreendido como a não concordância com os motivos apresentados ou ainda o desconhecimento do real motivo da predominância do gênero masculino entre dos docentes do curso.

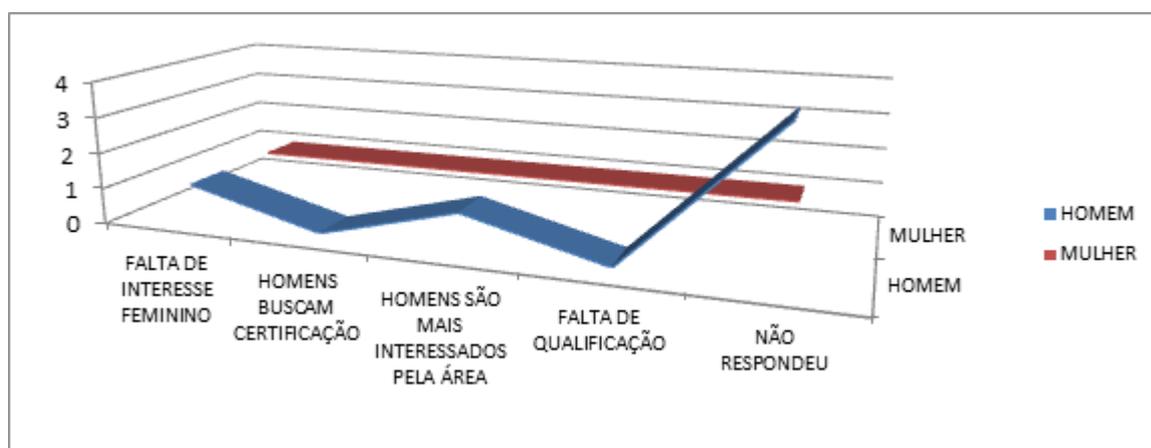
Os alunos e alunas foram indagados se durante as aulas, incluindo realização de dinâmicas, leitura de textos e livros, realização de exercícios práticos e teóricos, exposição dialogada, exemplos e estudos de caso, sentiam-se incluídos quanto ao gênero. Todos os alunos pesquisados responderam de forma afirmativa, enquanto apenas uma aluna pesquisada (20%) afirmou sentir-se excluída, justificando sua resposta da seguinte forma: “Os professores conversam mais com os meninos”. As demais alunas (80%) afirmaram sentir-se incluídas. O fato de apenas uma aluna perceber exclusão relacionada ao gênero pode ser fruto da falta de informação a respeito do assunto ou mesmo as marcas deixadas por uma cultura patriarcal capitalista onde muitas vezes a mulher não percebe a relação de dominação exercida sobre ela. Para Nascimento Silva e Silva (2011, p. 152) o capitalismo em forma de divisão sexual do trabalho “(...) tem na força de trabalho feminino um “exercito de reserva” e a subordinação das mulheres é funcional ao capitalismo”.

Investigou-se também a equidade entre homens e mulheres na sala de aula, concluindo que homens e mulheres estão presentes em quantidades diferentes. Todas as mulheres pesquisadas afirmaram tal diferença, sendo que do total feminino, apenas vinte por cento (20%) afirmou haver mais homens que mulheres em sala de aula. Dentre os homens, cinquenta por cento (50%) afirmou haver predominância masculina nas turmas.

Os dados evidenciam que a percepção em relação à predominância masculina em sala de aula é diferente entre homens e mulheres. Os motivos que levam mulheres e homens a perceberem de forma diferente um determinado fenômeno possui bases na cognição, pois segundo Kozel *et al* (2007, p. 117):

(...) a cognição estaria ligada à percepção que cada um constrói da realidade, constituindo objeto de conhecimento, de maneira a apreender o mecanismo desta construção, formando o símbolo do próprio objeto, como uma espécie de imitação interiorizada.

Diante dos dados coletados, investigou-se o motivo, na opinião das alunas e alunos, das diferenças quantitativas entre homens e mulheres nas salas de aula do curso Técnico em Informática. As respostas apresentadas neste item se assemelham com os dados do Gráfico 11 e evidenciam a crença de que homens têm mais interesse pela área de tecnologia, enquanto as mulheres possuem mais dificuldade para assuntos relacionados ao tema. A quantidade de homens que optou em não responder à pergunta também foi semelhante ao Gráfico 11. Os motivos alegados por homens e mulheres podem ser visualizados no Gráfico 12:



**GRÁFICO 12:** Motivos da predominância do gênero masculino entre alunos e alunas do curso. Fonte: Autora.

Mais uma vez fica evidenciada a crença masculina e feminina de que as mulheres não possuem interesse nem aptidão para profissões que não tenham relação direta com a subjetividade, com os sentimentos, com o ato de cuidar.

O último aspecto relacionado ao gênero foi a percepção dos entrevistados em relação às oportunidades de estágio e trabalho disponíveis na área de informática. Indagou-se aos pesquisados se os mesmos sentem-se incluídos em relação às oportunidades de trabalho/estágio disponíveis. Entre os homens a maioria (80%) dos pesquisados alegaram sentirem-se totalmente incluídos, sendo que vinte por cento (20%) não respondeu à questão. Os homens não justificaram suas respostas.

Entre as mulheres os dados encontrados são bem semelhantes em relação ao percentual que considera-se incluído, porém vinte por cento (20%) afirmou se sentir excluída. A justificativa apresentada foi que de *“As pessoas (família, amigos, outras mulheres) olham com indiferença quando digo que estudo informática”*.

A justificativa apresentada pela aluna demonstra o preconceito que a sociedade possui em relação às profissões que “podem” ser exercidas pelas mulheres, deixando bem claro que a ocupação como técnica em informática não seria adequada para as mulheres. Esta fala chama a atenção para as barreiras que são impostas às mulheres que pretendem romper com a imagem construída do imaginário coletivo sobre a mulher. A sociedade patriarcal leva às mulheres que desejam empreender carreira profissional em territórios prioritariamente masculinos a viver um paradoxo, a escolher entre duas alternativas que são igualmente insatisfatórias: o acesso ao mercado de trabalho de forma satisfatória e a perda do posto de “responsável” pelos afazeres domésticos e cuidados materno-infantis (NASCIMENTO SILVA e SILVA, 2014). O resultado desta escolha, independente de qual seja, acarretará para as mulheres a necessidade de afirmar a todo momento a sua feminidade, pois a sociedade patriarcal tende a atribuir à mulher o fracasso familiar, uma vez que compreende que esta é uma responsabilidade exclusivamente feminina.

Para Alambert (1986) esta é uma característica do poder masculino no mundo contemporâneo que se baseia nas formas de produção e nas relações de produção, desta forma se manifesta e se reproduz na família e fora dela, no privado e no social. Para os homens ser macho e ser marido não é nada além de representar os papéis determinados pelo capital.

A atuação profissional como técnica em informática se constitui em um território a ser desbravado pelas mulheres e sua consolidação só será possível através dos enfrentamentos ideológicos que devem iniciar pela ruptura com a crença de que as mulheres não possuem competência ou interesse em determinadas áreas como é o caso da área de informática.

## 7. Considerações finais

A pesquisa revelou que o alunado do curso Técnico em Informática do SENAC Centro é jovem, em relação ao domicílio não está concentrado em região específica do município, é solteiro, originário de escola pública e possui ensino médio completo.

Em relação às mulheres, foi possível constatar que compõem uma intersecção de fatores relacionados ao gênero como faixa etária, busca pela escolaridade tardia (se

comparadas aos homens) e habitam áreas marginalizadas, desta forma pertencem à múltiplos fatores que contribuem para a discriminação social.

As diferenças quanto ao tipo de ocupação demonstram que as mulheres encontram-se em condições de maior empregabilidade que os homens, o que não significa que estas têm mais chance de ingresso no mercado de trabalho, ao contrário, apenas demonstra que as mulheres estão em busca do ingresso no mercado de trabalho enquanto os homens buscam uma recolocação neste ambiente.

Do total de alunos e alunas do curso Técnico em Informática que contribuíram com a pesquisa, 45,45% são mulheres, esse percentual demonstra não haver tanta divergência quantitativa em relação à composição das classes nesta área, porém tais dados não significam que não existam preconceitos em relação ao gênero.

Costuma-se pensar o preconceito como machismo em relação à inserção feminina em determinado nicho profissional, mas ele também pode estar presente nas crenças femininas. A ideia de que homens são mais capazes e dedicados para a área de tecnologia e que as mulheres não se interessam o suficiente pelo assunto não é exclusividade masculina, pois a pesquisa revelou que boa parte das mulheres estudantes do curso Técnico em Informática compactua de tal concepção, justificando dessa forma a predominância masculina nas turmas, tanto em relação à quantidade de professoras do curso, como em relação à quantidade de alunas.

Boa parte dos homens que contribuíram com a pesquisa optou em não responder as questões relacionadas aos motivos que levariam à uma diferença quantitativa em relação ao gênero entre professoras e alunas do curso. Esta atitude pode ser interpretada de diversas formas, podendo representar falta de informação ou opinião formada sobre o assunto a percepção de pouca importância atribuída ao tema.

A pesquisa também revelou um maior domínio de homens em relação à atuação profissional na área, visto que nenhuma das mulheres pesquisadas atua profissionalmente na área de tecnologia. Apesar de não haver atuação profissional feminina, as mulheres apresentaram maior intimidade com a internet no momento de buscar informações sobre formação profissional na área.

Apesar do panorama revelado pela pesquisa, a maioria dos pesquisados e pesquisadas afirmou não perceber desigualdades nas oportunidades de emprego/estágios na área, também afirmaram não perceberem nenhum tipo de exclusão relacionada ao gênero durante as aulas, nem no material didático utilizado. A pesquisa aponta para um fato muito importante que é a ausência de percepção dos alunos e alunas sobre os preconceitos relacionados a gênero. Em uma escola de formação profissional muitas vezes as exclusões

relacionadas ao gênero não são percebidas, talvez por falta de maturidade dos alunos, pela dinâmica das aulas, pela ausência real das discussões na educação profissional sobre temáticas relacionadas ao gênero em suas mais distintas facetas (violência, cultura do patriarcado, oportunidades de trabalho, etc...) ou ainda porque estão mascarados sob a forma de crenças pessoais e por isso parecem mais sutis do que os preconceitos vivenciados no mercado de trabalho.

O mercado de trabalho deixa claro as oportunidades disponíveis para homens e mulheres e quais cargos são exclusivos para cada gênero, já na escola não deve haver tal distinção e quando esta ocorre, se dá de uma maneira velada. Considerando que uma escola deve ser um ambiente de inclusão e construção de novos conhecimentos é dever dela criar momentos para reflexão e discussão dos sutis e/ou marcantes preconceitos do mundo do trabalho e da sociedade como um todo e fomentar o debate e as práticas inclusivas a fim de orientar e esclarecer para adoção de uma conduta que vise à equidade de gêneros no mercado de trabalho.

As mulheres precisam admitir uma postura de enfrentamento perante as crenças patriarcais de que não possuem aptidão ou interesse para áreas que não estejam relacionadas ao cuidar e aos sentimentos, de que não servem para atividades que necessitem de maior carga de racionalidade. Esta mudança deve iniciar pelo autoconhecimento e pela percepção de que mulheres e homens possuem potenciais que podem ser desenvolvidos visando diferentes áreas de atuação e pela mudança de postura perante o mundo em forma multiescalar, iniciando em escala local com a redistribuição das atividades domésticas e as atividades relacionadas ao cuidar e culminando com a “nova divisão” do trabalho fundamentada nas habilidades, competências e conhecimentos e não no sexo.

## Referências

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: O Ponto de Vista Marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

BRASIL. MEC. PRONATEC. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego**. 2010. Disponível em: <<http://pronatecportal.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. MEC. PRONATEC. Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. **Lei nº 12.513 de 26/10/2011**. Institui o PRONATEC. Disponível em: <[http://pronatecportal.mec.gov.br/arquivos/lei\\_12513.pdf](http://pronatecportal.mec.gov.br/arquivos/lei_12513.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2015.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre, SOUZA, Karlla Christine Araújo. **Gênero, trabalho e interação nos meios técnicos da indústria têxtil de redes de dormir de São Bento-PB**. Revista Formação, n.21, volume 1, 2014, p. 123-142.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero.** Revista Pegada, n. 1, volume 3, 2002, p. 1-9.

CORREIA, Sílvia. **Redefinições do mercado de trabalho na perspectiva da dinâmica geográfica da desterritorialização e reterritorialização das trabalhadoras domésticas de Presidente Prudente.** Revista Formação, n.15 volume 2, 2008, p.78-88.

DAUNE-RICHARD, Anne-Marie. Qualificações e representações sociais. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho.** São Paulo: Senac, 2003. p. 65-76.

DESLAURIERS J. P. **Recherche Qualitative.** Montreal: McGraw Hill, 1991.

FERRETI, Celso João, SILVA Jr, João dos Reis e OLIVEIRA, Maria Rita N. Sales. **Trabalho, formação e currículo.** São Paulo: Xamã, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

HIRATA, Helena. **Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho.** Revista Educação e Tecnologia. Periódico Técnico Científico dos Programas de Pós-graduação em Tecnologia dos CEFETS – PR/MG/RJ. 2003: pp.144-156.

KOZEL, Salete (Org.). SILVA, Josué da Costa (Org.). GIL FILHO, Sylvio Fausto (Org.). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007.

LESZCZYNSKI, Sonia Ana. **Acesso de moças e mulheres a educação técnica e vocacional: um caso brasileiro.** Tecnologia e Humanismo, ed. especial, Curitiba, n. 17, 1996.

MELO, Hildete P. de, & SABBATO, A., **Divisão sexual do trabalho e pobreza.** Autonomia Econômica e Empoderamento da Mulher – Textos Acadêmicos, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, Ministério das Relações Exteriores, 2011.

**OLHA, É DE MENOR:** A mídia na construção e difusão de estigmas sociais em torno dos adolescentes em conflito com a lei e suas famílias em Porto Velho-RO. 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.andhep.org.br/resources/anais/1/1397769299\\_ARQUIVO\\_Si\\_mone.pdf](http://www.encontro2014.andhep.org.br/resources/anais/1/1397769299_ARQUIVO_Si_mone.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. SILVA, Joseli Maria. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial.** Ponta Grossa, Todapalavra, 2014.

NEVES, Magda de Almeida. **Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho.** Autonomia Econômica e Empoderamento da Mulher – Textos Acadêmicos, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, Ministério das Relações Exteriores, 2011.

NUNES, Jordão Horta. **As Transformações na Divisão Sexual do Trabalho e os Novos Arranjos de Gênero Domésticos.** In: NUNES, Jordão Horta;

PROBST, Elisiana Renata. **A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho.** Revista Leonardo Pós, n. 2, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> Acesso em: 30 mar. 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SANTOS, M. e outros. **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular; Unesp, 2009.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano.** Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

SILVA, Joseli Maria. SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder:** conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Recebido em 11/07/2016

Aceito em 05/11/2016